

**A EXPANSÃO DA COLONIZAÇÃO SUÍÇA E ALEMÃ DE NOVA FRIBURGO**

Pedro Elias Erthal Sanglard \*

Partindo de Nova Friburgo, os colonos suíços espalharam-se pelo centro-norte do Estado do Rio de Janeiro e, atravessando fronteiras, marcaram sua presença em outros Estados do Brasil.

Nova Friburgo, além do problema de possuir terras improdutivas e de relevo muito acidentado, era muito fria para produzir a principal cultura agrícola do século XIX na então Província do Rio de Janeiro, o café, que não resistia às constantes geadas.

Assim, os colonos suíços partiram à procura de melhores terras e climas para a promissora cafeicultura, chegando e se instalando nas regiões de São José do Ribeirão (hoje Bom Jardim), Duas Barras, Cantagalo e na Zona da Mata de Minas Gerais.

Subindo os rios da região ou seguindo pelos caminhos existentes na época, os colonos suíços desbravaram esses sertões, abrindo clareiras na mata, tirando dela madeira para a construção de seus ranchos, plantando lavouras de subsistência como cana, feijão, milho, hortaliças, mandioca, batata, mamona, frutas etc., e criando animais domésticos como galinhas, porcos e vacas dos quais tiravam produtos básicos como ovos, carne, gordura, leite, couro, óleo, e mulas como meio de transporte, para poderem cuidar das suas plantações de café, tão promissor na época que era chamado de "ouro verde".

Devido ao isolamento em que viviam e às grandes distâncias que os separavam das vilas mais próximas, os colonos suíços se viram obrigados a produzir quase tudo que precisavam para sobreviver, à exceção de produtos como ferro, sal, pólvora, chumbo, dentre outros poucos, que tinham de comprar nas vendas ou adquirir dos tropeiros quando da venda de sua produção. Mas utilizando-se da criatividade para suprir a falta de recursos, chegavam a improvisar, como no caso da falta de balanças para pesar a produção (muito caras na época), os carpinteiros faziam caixas de tábuas de cedro de orelhas nos dois lados e com capacidades para 20 litros ou um alqueire, 10 litros ou uma quarta e 5 litros ou meia quarta, medindo, dessa forma, seu milho, seu feijão, seu café, etc.

Dessa busca de terras boas para se plantar temos como exemplo a FAMÍLIA SANGLARD que veio da cidade de Cornol, do Cantão de Jura Bernois, Suíça, no navio Debby Elisa, e chegou ao Brasil em 26 de novembro de 1819, sendo instalada na casa nº 60 e recebendo o lote de terras nº 45 da Colônia Suíça de Nova Friburgo.

MATHIEU SANGLARD, um "potier" (fabricante e vendedor de louça), sua mulher THERESE FAIGAT e seus quatro filhos GOTTFRIED, CONRAD, CATHERINE e FRANÇOIS, depois de tentarem cultivar, sem sucesso, no seu lote da Colônia em Friburgo, partem, por volta de 1833, para a localidade de São José, às margens do ribeirão de mesmo nome, pertencente à antiga sesmaria de São Simplício, hoje Bom Jardim (RJ), onde se fixam.

Posteriormente, entre 1860 e 1870, os irmãos LEÃO e EUGÊNIO SANGLARD, filhos de FRANÇOIS SANGLARD (o qual passou a chamar-se FRANCISCO XAVIER SANGLARD) com JOANNA PARCHET, acompanhados de quatro escravos, partem para a Província de Minas Gerais e chegam à Zona da Mata, próximo à serra do Caparaó, hoje Alto Jequitibá - MG (ex-Presidente Soares), onde compram terras no alto do ribeirão do Jacutinga (assim chamado devido à grande quantidade dessas aves no local), desbravam a região, lá se fixando como pioneiros. Animados com a qualidade da terra, mais tarde voltam para buscar parte do resto da família que ficara em Nova Friburgo, para onde também levavam, em lombo de burro, o que

produziam para ser vendido e onde compravam outros artigos que necessitavam, viajando perto de 500 quilômetros.

Depois dos suíços, também os colonos alemães passaram por este mesmo processo, já que ocuparam justamente as casas e os lotes abandonados pelos primeiros imigrantes de Nova Friburgo.

Dentres as famílias suíças e alemãs que dessa forma colonizaram o Estado do Rio de Janeiro, cabe registrar: no médio Rio Grande (São José do Ribeirão, Bom Jardim, Barra Alegre e São Francisco de Paula) os SANGLARD, os CURTY, os FROSSARD, os GRIPP, os COMBAT, os LAMELET, os KLEIN, os EMERICH, os STUTZ, os OBERLANDER, os VERLY, os RIME, os CATTERMOLL, os SHUMACKER, os CESAR, os GRADWOHL, os TARDIN, os BOECHAT e os ERTHAL; em Duas Barras, os BOHRER, os WERMELINGER, os MONNERAT, os LUTTERBACK e os LACK; no Carmo, os LEIMGRÜBER; nas margens do Paraíba, os HEGGENDORN, os BUCKER, os CRETTON, os SARDEMBERG, os BALMAT; e em Cantagalo, os LAPAIRE, os DAFLON, os LÜDOLF, os UEBELHARD, os DIETRICH, os COSANDEY, os CORTAT, os HERMSDORF, os NAEGELE, os BON, os PERIARD, e os LUGON, segundo os historiadores.

Igualmente, com relação à colonização da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, na região de Manhumirim e Alto Jequitibá, além dos pioneiros irmãos SANGLARD, podemos citar as famílias alemãs e suíças ELLER, HERINGER, LOUBACH, CÉSAR, SATHELER, HORSTH, STORCK, CATERINK, CONRAD, SCHWUAB, SCHABUDETH, SHWENCK, BREDER, WERNER, VERLY, SANGY, PINEL, GRIPP, KER, SPAMER, KLEIN, EMERICH, dentre outras.

Hoje em dia, encontramos inúmeros descendentes dessas famílias espalhados por diversas cidades de vários Estados do Brasil, que tiveram como ponto em comum sua saída de então Vila de Nova Friburgo à procura de melhores condições de vida e sua prosperidade através das fazendas de café.

#### BIBLIOGRAFIA:

1. NICOULIN, Martin- La genèse de Nova Friburgo- Emigration et Colonization Suisse au Bréssil (1817-1827), Fribourg, Editions Universitaires, 5ème edition, 1988.
2. SILVA, Thomé Maria da Fonseca- Breve notícia sobre a colônia de suíços fundada em Nova Friburgo, in RIHGB, tomo 12, páginas 137/142, 1849.
3. SOUZA, José Antonio Soares de- Os colonos de Schaeffer em Nova Friburgo, in RIHGB, volume 310, páginas 5/214, 1976.
4. ERTHAL, Manoel- Bom Jardim Estado do Rio de Janeiro- esboço histórico e corográfico, 1957.
5. ERTHAL, Manoel- A família Erthal, 2ª edição, 1985.
6. Nova Friburgo, radiografia social de uma comunidade- Biblioteca de Estudos Fluminenses, Imprensa Oficial, 1988.
7. FISCHER, C. R.- Uma história em quatro tempos, Tipografia da Fábrica de Rendas Arp S/A, 1986.
8. BOTELHO, Dermeval Alves, Padre- História de Manhumirim- Município e Paróquia, 1º volume (1808-1924), Editora O Lutador, 1987.
9. GRIPP, Roberto, Cel e outros- História da Igreja Plesbiteriana de Alto Jequitibá, Editora Betânia, 1991.
10. ERTHAL, Clélio- Cantagalo- Da miragem do ouro ao esplendor do café, Gráfica Erthal, 1992.
11. SANGLARD, Gisele Porto- A memória da família Sanglard- um representante da colonização de Nova Friburgo, monografia, PUC/RJ, 1994.

\* Promotor de Justiça e Eleitoral da Comarca de Magé, Ex-Presidente das associações MATHIEU SANGLARD e JOÃO ERTHAL, Professor da EMERJ, Membro do Conselho Penitenciário do Estado do RJ.